

## À MARGEM DA “DEMANDA DO SANTO GRAAL”

---

Adentro do vasto mundo da cavalaria medieval circula um problema de fácil solução aparentemente, se se levar em conta que a mesma depende do ponto de vista em que nos colocarmos.

Trata-se de saber se é o período das “canções de gesta” — que se desenvolve, *grosso modo*, entre os séculos IX e XII —, ou o das novelas de cavalaria propriamente ditas — estendendo-se do século XIII ao XVI — que corresponde ao que se poderia chamar “Idade da Cavalaria”.

Quer-nos parecer que o problema exige uma posição conciliatória, porquanto, é evidente, não chegaríamos a resultado nenhum, e, pôsto alguma conclusão se tirasse para satisfação do espírito, não seria assim significativo para o estudo da cavalaria. À vista disso, consideramos ambos os períodos como formadores da “Idade da Cavalaria”; de um para outro ter-se-ia operado natural evolução, nitidamente observada quer no campo restrito das formas de expressão desse mundo cavaleiresco (a princípio predominantemente poéticas, prosaicas depois do século XII, mais ou menos), quer no que respeita à concepção da vida que ali se estampa.

E' aqui que toca o ponto: na *época heróica* (1) o ideal do cavaleiro é a defesa dos valores cristãos — de que “La Chanson de Roland” é frisante exemplo —, ao passo que, à roda do século XII, quando começam a aparecer as primeiras novelas, é o amor, a mulher o centro das aventuras cavaleirescas. Forte influência do ambiente das *côrtés de amor* que tanta voga tiveram na Provença, o cavaleiro agora serve à dama que escolheu para objetivo de suas preocupações, ao invés de servir a Deus. Mudado o ideal a atingir, muda o comportamento do homem perante a realidade, variam os motivos da ação. Não mais, como antes, se faz necessário o combate contra os mouros, travado com o escopo único de alcançar o mais alto galardão que ao cristão se oferece: morrer pela fé. E à morte se atira freneticamente, na ansiosa esperança de cedo estar face a face com Aquêl em Quem espera encontrar a paz e o consôlo para os seus cansaços.

---

(1). — V. — W. P. Ker, em sua obra “Epic and Romance”, pg. 4, citado por F. S. Shears, “A Cavalaria de França”, in “A Cavalaria Medieval”, de Edgard Prestage, tr. portuguesa, Liv. Civilização, Pôrto, pg. 73.

Agora, porém, a prova física tem o sentido dos favores da dama. Tôdas as dores se suportam com varonilidade, estoicismo, pois o cavaleiro tem sempre presente diante dos olhos ou do pensamento a recompensa de suas fadigas: uma mulher formosa e delicada.

Se o ideal de perfeição se mantém (não nos preocupa discutí-lo por ora), se nesse servir a mulher que se deseja há qualquer dose de atitude semelhante à do cristão prostrado diante da plenitude de belezas que é a Virgem Maria —, mesmo assim se percebe densa camada de realismo, digamos, pagão no indisfarçável verniz de voluptuosidade que encobre a espera, e depois a realização, do trato amoroso.

Significa a formalização da atitude cavaleiresca, subordinada a rígidos princípios de retidão moral e de integridade física, guardando com evidência o fim que se propunha alcançar: não mais interessa a luta em prol de uma causa religiosa, com o afastamento violento dos impulsos; em seu lugar colocam-se êsses últimos, condensados no desejo erótico, de forma nenhuma impedindo que continuasse em jôgo a luta pela perfeição. Algo de platonismo. De um lado: o ideal teológico, teleológico; de outro: o ideal palaciano, mundano.

Pôsto isso, já se faz cabível perguntar: — que posição ocupa a “Demanda do Santo Graal” dentro da evolução da cavalaria, até aqui apenas sumariamente esboçada?

A “Demanda”, sabemos-lo bem, apareceu em meados do século XIII no original francês. A tradução portuguesa que possuímos é do século XV, cópia ou refundição de uma ou mais traduções anteriores, porquanto o estudo comparativo entre o texto português da edição feita por Augusto Magne, que sabemos truncada em alguns passos, como revelou Rodrigues Lapa (2), e a edição francesa de Albert Pauphilet, — permite-nos acreditar na impossibilidade de uma tradução direta, partindo de uma única cópia. Vale repetir o que dissemos algures: várias cópias teria pela frente o adaptador português.

Caracteriza-a sobretudo a concepção da vida que nela se expressa, concepção essa altamente cristã (3), voltados que estão os cavaleiros para o mistério da Eucaristia, realizável depois de longo processo ascético, marcado aqui e ali de provações e de experiências físicas e espirituais.

Ora, quando se procura ver todo o panorama das novelas de cavalaria medievais — inclusive o tríptico a que pertence a

(2). — V. — “Nueva Revista de Filología Hispánica”, ano II, n.º 3, julho-setembro, 1948, México, pgs. 285-289.

(3). — O leitor interessado encontrará nossas idéias a respeito expostas com mais vagar no ensaio que publicámos na “Revista Investigações”, ano III, n.º 30, julho, 1951, intitulado “A concepção medieval da vida expressa na Demanda do Santo Graal”.

“Demanda” (“Lancelote” — “Demanda” — “Morte de Rei Artur”), passando por inúmeras novelas espanholas, francesas, portuguesas (como “Merlin”, “Amadis de Gaula”, “Palmeirim”) avulta observar que só a “Demanda” apresenta em alto grau êsse espírito teológico. Por que? (4).

Para nós, a resposta está no fato de a “Demanda” representar uma reação consciente contra a decadência, a profanação do espírito da cavalaria, que se vinha operando subterraneamente desde o momento em que o eixo de interesse se deslocou de Deus para a Mulher. Decadência, entendamos, em face de certa camada de idéias da época (talvez a mais importante), dirigida para a fixação de princípios religiosos através das artes. E’, por assim dizer, a renascença do espírito cristão das Cruzadas, tão bem simbolizado por Carlos Magno, e que agora adquiria relêvo num grupo de cavaleiros reunidos na primitiva côrte pagã do Rei Artur, em torno à Távola Redonda. Dado o sinal divino, saem na “Demanda” sem pouso do “Santo Graal”, do Santo Vaso, quer dizer, de sua salvação perante a eternidade. Traduzia, acima de tudo, o rejuvenescimento de um ideal a que começava a faltar o sôpro vivificador. Era preciso reagir contra a diluição interior do mito, dando-lhe novas forças com que se permitia permanecer e evoluir no tempo. Se o intuito exterior — defesa de idéias doutrinárias — não foi suficientemente realizado, ficou-nos, em substituição, uma das maiores expressões do pensamento medieval.

E’ essa configuração reacionária, como dizíamos, renascentista, que lhe dá caráter original de novela mística (5), sem que se esqueça da camada polêmica subjacente, isto é, a intenção clara de realizar uma obra que pusesse ao vivo alguns princípios religiosos aceitos dramaticamente pelo homem da Idade Média — não todo, mas certo homem. Por suas raízes e seu recheio, a “Demanda” procurou ser condensação plástica de um corpo de idéias e princípios filiados à Igreja, que deveriam ser defendidos com o mais acendrado ardor (6). Além disso, é curioso observar a coin-

- 
- (4). — Certos de deixar de lado uma série de aspectos indispensáveis à elucidação do que estamos tratando, solicitava-se ao leitor a consulta das seguintes obras: Albert Pauphilet: “Etudes sur la Queste del Saint Graal”, Paris, Lib. Ancienne Honoré Champion, 1921; “Lumière du Graal”, Cahiers du Sud, 1951; Jean Marx: “La légende arthurienne et le Graal”, Presses Universitaires de France, 1952.
- (5). — Não desconhecemos que há varios passos dedicados ao culto da mulher (“Castelo de Rei Brutos”, “Rainha Ginebra e Lancelote” e outros de menor importância). Em que pese a introdução de passagens aparentemente clandestinas, ainda assim o conjunto permanece harmônico, bastando verificar que o primeiro episódio — “Castelo de Rei Brutos” — fixa um instante de provação das faculdades e virtudes de Galaaz, o mesmo acontecendo com outros episódios, em torno de Boorz ou de um de seus companheiros. O episódio da Rainha Ginebra e Lancelote, todos nós o sabemos, é excrecência, não tendo nada absolutamente com a essência da novela.
- (6). — V. Pierre David: “Sentiers dans le forêt du Saint Graal”, in “Boletim do Instituto de Estudos Franceses”, II, Coimbra, 1945, pgs. 38-160.

cidência temporal entre a “Demanda” e o tomismo, época de crise para a Igreja, considerando-se os golpes que o seu edifício ideológico estava a sofrer.

Eis esboçado o desconcerto que nos causa o estudo dessa novela, especialmente quando a vemos em paralelo com outras manifestações do gênero. Torna-se evidente que, à luz do que acabamos de expor, só de modo bastante amplo é cabível o estudo das novelas de cavalaria pela comparação entre as de caráter palaciano e a “Demanda do Santo Graal”.

Quanto ao resto, parece válido considerá-la *sui generis*, portanto única, pausa mística para os cavaleiros andantes e fruto de uma renascença cristã nos quadros da cavalaria, após sofrer as injunções do tempo, mundanizando-se. Expressão das mais elevadas do pensar medieval, retrato eloqüente de uma época de crise (7), a “Demanda” é, destarte, a tentativa singular dentro da novela de cavalaria por manter os mesmos ideais primitivos que presidiram à aparição do gênero.

#### MASSAUD MOISÉS.

Auxiliar de ensino da Cadeira de Literatura Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

---

(7). — Crise, a nosso ver, causada pela dolorosa consciência do êrro que resulta da incompatibilidade angustiante entre o poderio dos sentidos e o ideal sublime de vida, alcançável ou vislumbrável com o embotamento cada vez maior daqueles em favor das verdades espirituais. Portanto, não se tome a palavra *crise* como sinônimo de decadência, mas no sentido etimológico: *decisão, julgamento*.